

**A escrita da dor: relações de trauma, memória e
narrativa em *Quero Viver... Memórias de um ex-morto*,
de Joseph Nichthauser**

Vanderléia de Andrade Haiski
URI-FW, RS, Brasil

Resumo

Este trabalho tem por objetivo investigar como o evento do Holocausto é representado na literatura brasileira, através do relato de testemunho *Quero Viver... memórias de um ex-morto* (1976), de autoria do judeu-brasileiro Joseph Nichthausen, que narra suas memórias como vítima do Holocausto nos anos de 1939 a 1945. A literatura de testemunho difundiu-se pelos diversos países que tiveram eventos violentos ou que acolheram as vítimas de catástrofes, como, por exemplo, o Brasil, que recebeu imigrantes judeus em busca de refúgio no país. Esta obra é o primeiro relato de testemunho escrito em português e publicado no Brasil e, através dela, é possível perceber como questões como o trauma e a memória são abordados por intermédio da narrativa e, também, como a narrativa auxilia o sobrevivente na superação do trauma. As contribuições teóricas de Walter Benjamin, Michael Pollak, Regina Igel e Márcio Seligmann-Silva servem de base para essa pesquisa.

Palavras-chave. Trauma, Memória, Narrativa, Holocausto.

Abstract

This work aims to investigate how the event of the Holocaust is represented in Brazilian literature, from the perspective of the Brazilian Jewish author Joseph Nichthausen's *Quero Viver... memórias de um ex-morto* (1976), who tells his memories as a victim of the Holocaust from 1939 to 1945. The literature of testimony spread over several countries that had experienced violent events or received the victims, such as Brazil, which received Jewish immigrants seeking refuge in the country. This literary work is the first report of testimony written in Portuguese and published in Brazil and through its analysis we can understand how issues such as trauma and memory are addressed through the narrative, and also how the narrative assists in overcoming the trauma survivor. Walter Benjamin, Michael Pollak, Regina Igel and Márcio Seligmann-Silva theoretical contributions serve as a basis for this research.

Keywords. Trauma, Memory, Narrative, Holocaust.

Tanto no contexto internacional quanto brasileiro, o século XX caracterizou-se por experiências de violência jamais concebíveis na história. Regimes políticos autoritários e totalitários criaram mecanismos de controle e repressão que atingiram, direta ou indiretamente, a maioria das pessoas, grupos ou classes sociais que viveram aqueles períodos marcados por graus extremos de violência. Assim, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a ascensão nazifascista, a emergência de governos comunistas e as ditaduras latino-americanas foram acontecimentos decisivos para a determinação de uma nova postura do Estado frente ao indivíduo.

A modernidade, que evoluiu procurando desenvolver estratégias que visassem ao bem-estar da humanidade, culminou num paradoxo fundamental. Quando era esperado de tal período o esclarecimento, a ideia de progresso, a emancipação e a autonomia do sujeito, foi possível ver que, acompanhados de tais conquistas, vieram o sacrifício, a dominação, a regressão, a barbárie e a destruição. Dentro desse processo, o Holocausto foi um acontecimento exemplar que traduziu a face mais problemática e perversa dessa era histórica. Assim, o século XX foi avaliado por diversos pensadores como um período de contradições, algo que pode ser compreendido à luz do conceito de Theodor Adorno de “razão antagonica da história” (315), ou seja, para cada movimento de andamento da história, há um movimento de uma emergência de forças contrárias.

Seja como for, esses episódios assinalados por um grau de horror extremo envolveram um grande número de vítimas que, depois de alguns anos ou décadas, decidiram registrar suas experiências por meio de diversas formas de manifestações artísticas. Acontece, no entanto, que esses artistas haviam sobrevivido a fatos históricos singulares e carregavam consigo uma dor que lhes era própria e única. Dito em outras palavras, eles não saíram ilesos dessas atrocidades humanas e, por isso mesmo, levavam em suas mentes e em seus corpos marcas do trauma gerado nos conflitos de que participaram. A nova concepção de subjetividade que se formou depois dos campos de concentração determinou condições específicas para a experiência estética.

Nesse sentido, muitos estudiosos formularam a hipótese da existência de uma mudança de paradigma na produção literária, em particular, depois da Segunda Guerra Mundial. Se, no século XIX, a literatura se atinha a um projeto mimético, e as vanguardas do início do século XX se encarregaram da desmontagem dos meios e instrumentos que a literatura e as artes haviam criado como base para as suas produções, a partir da segunda metade desse último século, encontram-se manifestações conscientes dessa nova situação: elas se estruturam com base na necessidade de se construir uma obra que não seja mais imitação, mas apenas manifestação, ou melhor, apresentação do mundo.

A propósito, a questão do Holocausto na Alemanha foi desencadeadora da discussão a respeito dos limites entre ficção, história e memória, justamente em razão do trauma gerado por tal evento. Relacionando a questão do testemunho e da memória, Seligmann-Silva cita a ilustre frase de Theodor Adorno, segundo o qual “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de que porque hoje se tornou possível escrever poemas” (26). Desse modo, a arte como representação não poderia mais ignorar questões como o Holocausto e toda a experiência de dor e sofrimento das vítimas do nazismo e de seus campos de concentração. Por esse viés, nota-se como a questão do testemunho começou a ser discutida na Alemanha, pois o evento da Shoah tornou-se o eixo central da teoria que envolve testemunho e trauma. Assim,

a questão da representação da Shoah levou não apenas a teoria literária a se aproximar da historiografia, mas também a historiografia a se aproximar de uma abordagem mais qualitativa e a tentar englobar conceitos derivados da psicanálise, da teoria do conhecimento, da ética e da estética para tentar dar conta dessa representação que ocorre sob o signo de uma *aporia*. (Seligmann-Silva 84)

Na literatura brasileira, a temática judaica teve seu ingresso em língua portuguesa em meados do século XX, como forma de reação literária

aos problemas típicos decorrentes da imigração. É uma narrativa com características próprias, que trata de tópicos pertencentes à cultura judaica, de modo que muitas delas estão relacionadas às experiências de judeus em território brasileiro. No Brasil, as escritas envolvendo a temática judaica englobam obras ficcionais e relatos de testemunho. Quanto à classificação de uma obra literária inserida nessa temática, cabe enfatizar que

reconhece-se um tema como judaico quando o conflito principal de uma obra estiver expressamente ligado ao judaísmo quanto a sua gênese e à vivência física, mental, espiritual e psicológica de quem a escreve. Essa condição deve encontrar-se tanto na manifestação literária ficcional quanto na poética, dramática e na crônica, como também na semificcional e em depoimentos. (Igel 4)

Além disso, os textos nos quais prevalece a temática judaica e escritos por autores judeus não são, em sua maioria, reconhecidos como trabalhos modelares ou exemplos de construção estética refinada. E tampouco muitos dos autores se definem ou aspiram a ser escritores profissionais, e alguns inclusive evitam o termo escritor, pois não almejam uma profissionalização como tal (Igel 7). Porém, apesar dessa resistência, a escrita judaica é digna de ser analisada como integrante do mundo literário e do imaginário brasileiro.

Tratando-se da temática judaica na literatura brasileira, cabe destacar a literatura de testemunho, que tem por base principalmente a memória individual do sobrevivente. Os imigrantes judeus refugiados no Brasil aguardaram em média três décadas, depois de sua chegada no país, para começarem a narrar suas memórias. Nesse tipo de literatura, a transmissão da memória pessoal para a cultural é um fator essencial. E, para a transmissão das experiências violentas sofridas como o Holocausto, conforme Geoffrey Hartman “precisamos de *todas* as nossas instituições de memória: da escrita histórica tanto quanto do testemunho, do testemunho tanto quanto da arte” (215). Assim, a história se funde com a arte e a

imaginação, para que, num processo de rememoração, tais circunstâncias sejam narradas.

Quero viver... memórias de um ex-morto (1976) é um relato de testemunho que conta a história de vida de seu autor, Joseph Nichthausser, quando foi prisioneiro de vários campos de concentração na Alemanha nazista. O relato de Nichthausser cobre o período de tempo da Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945. Quando a guerra teve início, ele tinha onze anos incompletos e pôde assistir à invasão da Polônia, sua terra natal, pelos alemães. Em 1945, graças ao exército norte-americano, foi libertado, aos dezesseis anos e meio. Durante esse período, nos campos de extermínio, presenciou o assassinato de vários amigos e de sua própria família. O livro é dividido em três partes, sendo que, na última delas, conta como foram suas experiências nos oito campos de concentração pelos quais passou.

No relato de testemunho de Joseph Nichthausser (11), o autor começa o prólogo de sua obra *Quero viver... memórias de um ex-morto*, declarando que não é seu anseio mostrar ao mundo algo novo, nem tentar justificar quem quer que fosse, pois muito já havia sido escrito sobre esse tema. Tampouco sua ambição é produzir uma obra literária, pois em seguida afirma que “existem livros que descrevem de maneira muito literária o heroísmo dos soldados aliados, dos sacrifícios inúteis dos soldados inimigos e das atrocidades cometidas nos campos de concentração” (Nichthausser 11). Sua pretensão é apenas descrever os vários aspectos de sua história como sobrevivente do Holocausto.

De acordo com seu prefaciador Hugo Schlesinger, esta obra de Nichthausser é o primeiro relato escrito em português e no Brasil (Nichthausser 6). Seligmann-Silva concorda com essa afirmação e destaca que o trabalho de “Nichthausser é talvez o mais bem escrito da literatura de sobreviventes produzida no Brasil” (143). Nichthausser demonstra a preocupação em proporcionar ao leitor a impressão de realidade em cada parte de sua obra, tanto que, no seu prólogo, destaca que “os personagens deste livro são todos reais e com nomes certos” (11). No decorrer da obra, o autor preocupa-se em fazer uma descrição detalhada das situações por ele

vivenciadas, com o intuito de transmitir a sensação de realidade no seu relato. Acerca desse particular, Seligmann-Silva destaca:

[o] autor consegue o desafio de narrar sua história e construir um livro de “memórias”, como ele o denomina, com uma forte estrutura narrativa e literariamente muito bem resolvido. A narrativa em primeira pessoa, típica do registro da escrita dos sobreviventes, é mantida, mas ao mesmo tempo o autor reconstrói diálogos e situações cotidianas nos seus mínimos detalhes, gerando um forte “efeito de realidade” no leitor. (143)

O relato de Nichthauser se concentra principalmente no período em que passou como prisioneiro, em diversos campos de concentração, suportando privações, trabalhos pesados, pouco descanso, rigoroso regime interno e o iminente risco de morrer. Diante de uma situação tão violenta e traumática, Nichthauser perdia toda a esperança e expectativa em relação à liberdade e ao futuro. Só exista um presente em que o tempo não tinha mais o mesmo sentido, “o tempo não estava sendo medido em horas, minutos ou segundos. O tempo não significava nada para todos. Tudo fora reduzido à simples eternidade. Comecei a compreender que um minuto representa a mesma coisa que uma hora ou cem horas” (Nichthauser 164). Nichthauser descreve como a apatia tomara conta dele e como os homens foram reduzidos à animalidade:

[a]ndei totalmente apático e indiferente a tudo. Nem o troar dos canhões bem próximos me animava. Há dias não havia qualquer distribuição de alimentos, e padecíamos de tonteira. O animal saía do homem. Andávamos naquela lama pegajosa e fria, num vai e vem constante, sem objetivo. Não sabia o que fazer comigo. Aproximei-me da cerca, olhava para longe, para os vilarejos espalhados lá embaixo, ao pé da colina. Veio-me ao pensamento o livro *O último dos Mohicanos*, que lera antes da guerra. Sentia-me abandonado e infeliz como o principal personagem do livro. Sou o último dos Nichthausers. [...] Viver ou não viver. (228)

O texto de Nichthauser traz várias reflexões sobre o sofrimento dos judeus europeus, desde o sentimento de desolação, quando o autor declara que “aquele dia foi semelhante aos outros. Nada mais tinha importância. Sabíamos o que estava nos esperando” (228), até a percepção da indiferença dos que conheciam, mas ignoravam, as condições dos judeus. O autor enfatiza essa indiferença ao relatar sua visão de uma cidade, a qual observou de uma estação de trem: “[u]ma vez fora do vagão, fomos imediatamente isolados dos transeuntes que passavam sem nos ver” (Nichthauser 106). De acordo com o texto *O narrador*, de Walter Benjamin (198), narrar implica a capacidade de trocar experiências e, na obra de Nichthauser, o autor se esmera em detalhar justamente o que o levou à produção de sua obra: suas experiências, não apenas particulares, mas também da percepção que tinha da experiência dos que, juntamente com ele, eram prisioneiros:

[f]iquei entre os cem. Senti uma tristeza enorme invadir-me. [...] [A]gora compreendia muito bem todos aqueles que tinha visto morrer na forca, a pauladas, de frio, ou a balas. Eles nunca suplicaram por piedade ou pela vida. Nunca ouvi gritos a não ser de dor. Todos recusavam esta satisfação a eles: pedir piedade. (229)

Igel (232-39) também destaca que a obra de Nichthauser apresenta características típicas das narrativas do Holocausto, em especial as similaridades psicológicas, como as denúncias, a solidariedade, o humor e as perspectivas, além de outras similaridades como as trajetórias de fuga e reconhecimentos. Todos os recursos utilizados pelo autor parecem se unir em torno de um apelo moral, na tentativa de expor a brutalidade e a degradação, tanto moral quanto física, dos seres humanos envolvidos e, ao mesmo tempo, rememorar e fixar esse evento como acontecimento histórico, a fim de que tais fatos não sejam conduzidos ao esquecimento.

Com relação à narrativa, Luiz Costa Lima a define como “o estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, o irregular e o acidental entram em uma ordem; ordem que não é anterior ao

ato da escrita mas coincide com ela; que é pois *constitutiva* de seu objeto” (17). Walter Benjamin, por sua vez, em “O narrador”, afirma que a origem a qual recorrem os narradores é a experiência transmitida de uma pessoa a outra e que, tratando-se da natureza da narrativa, “[e]la tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (198). Como se observa nos apontamentos de Costa Lima e Benjamin, a narrativa desenvolve funções primordiais a todos os seres humanos.

Nesse sentido, a linguagem tem uma função importante para indivíduos que passaram por uma situação traumática. Para as pessoas que vivenciaram um episódio violento, a linguagem possibilita conferir significação a tais experiências e, por intermédio do seu conjunto de normas, pode conduzir a uma organização coerente e racional dos fatos envolvidos. Logo, facilita ao sujeito constituir seus pensamentos e vivências e, por conseguinte, traduzi-los e comunicá-los aos ouvintes ou aos leitores. Afora isso, a linguagem, tanto na sua forma escrita quanto oral, é uma maneira de registrar a memória, seja ela individual ou coletiva, para que o passado não se perca no esquecimento e para que outras pessoas, de diferentes lugares e culturas, em tempos próximos ou distantes, tenham acesso a tais registros.

Narrar sobre a vivência nos campos de concentração é uma tarefa árdua ao sobrevivente. Isso porque esta é uma experiência que leva o indivíduo ao limite de sua humanidade e é tão degradante, que destrói o maquinário da linguagem e, conseqüentemente, impossibilita a representação desses acontecimentos em sua totalidade. Além do mais, evoca um passado que tentou ser apagado da memória desses indivíduos pelos seus opressores e, possivelmente, por suas próprias mentes, visto que esta é uma experiência cujas memórias, por vezes, se apresentam fragmentadas e confusas. Essa experiência de luta pela sobrevivência nos campos de concentração nazistas é narrada, em *Quero viver... memórias de um ex-morto*, por Joseph Nichthausser, que lutou não apenas para manter-se

vivo, mas também para não perder sua própria identidade e seus valores. Nichthauser, ao testemunhar sua experiência, exerce uma dupla função: a de narrador-protagonista e de vítima da barbárie. O Holocausto foi um acontecimento de extrema degradação física e, principalmente, moral.

A narrativa de Nichthauser torna-se marcante ao expor (e expor-se) o mais baixo que pode chegar um ser humano, física e moralmente. Ele aponta os diferentes aspectos que, somando-se continuamente, conduzem o sujeito a um nível de degradação difícil de conceber. O primeiro impacto da invasão nazista sobre Nichthauser foi ter que deixar repentinamente o seu lar. Para um menino de onze anos, era difícil entender a necessidade dessa mudança brusca: “[m]oramos aqui, vivemos aqui toda a vida e agora ter que abandonar tudo, tudo aquilo que se construiu durante tantos e tantos anos, toda uma vida talvez. Apesar de sermos pobres, vivíamos felizes aqui, cercados de bons vizinhos e muitos amigos” (Nichthauser 25). Contudo, no retorno a sua casa, logo após a tentativa de fuga, Nichthauser percebeu que muito já havia mudado.

A propósito, Benjamin declara que a narrativa não é uma experiência superficial, pois “[e]la mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (205). Além disso, as histórias do narrador remetem a uma narrativa que se dá espontaneamente, já que narrar implica a capacidade de trocar experiências. Contudo, essa capacidade nem sempre é desenvolvida com êxito após experiências traumáticas, pois, para narrar tais acontecimentos, o sujeito, na maioria das vezes, sente dificuldade em encontrar nas palavras uma carga semântica que dê conta de forma satisfatória da representação desses eventos. Todavia, superada essa condição, juntamente com a narrativa, surge a possibilidade de algumas transformações.

Essa ideia de que um acontecimento doloroso pode ser superado por meio de uma narrativa pode ser atestada a partir de um pequeno texto escrito por Benjamin intitulado “Conto e cura”. Nele, o filósofo alemão relata sobre a mãe que conta histórias para a criança doente e, logo em seguida, sugere que a narração teria o poder de curar. Aliás, o autor propõe que o próprio “relato que o paciente faz ao médico no início do tratamen-

to pode se tornar o começo de um processo curativo” (Benjamin 269). Surge, então, a hipótese de que a narração formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas.

O constante contato dos prisioneiros dos campos de concentração com a situação humana precária, extremamente degradada, gerou condições para que ocorresse o trauma. O relato de Joseph Nichthausen é caracterizado por marcas do trauma gerado nos sobreviventes do Holocausto. Para estes, revisitar o passado e trazer à tona tais lembranças podem constituir em tarefas árduas, pois implica um grande empenho de recuperação das memórias apagadas ou esquecidas, e também no comprometimento moral de trazer ao conhecimento da sociedade uma parte terrível da história que tentou ser ocultada. Aliás, de acordo com Seligmann-Silva (51), Auschwitz foi uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história, pois toda a memória de um povo tentou ser apagada.

Nesse sentido, narrar tais eventos traumáticos constitui-se numa “[t]arefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação –, como também visa um consolo nunca totalmente alcançável” (Seligmann-Silva 52). No relato de Nichthausen, percebe-se a necessidade de o autor fazer esse registro para poder seguir adiante, como expressa no próprio título *Quero viver...*, cujo verbo “querer”, conjugado no tempo presente, remonta à necessidade de Joseph retomar sua vida no momento de sua fala. Para tanto, precisa registrar as “memórias de um ex-morto”, de quem esteve no limiar entre a vida e a morte, a ponto de perder qualquer perspectiva em relação ao futuro.

Joseph Nichthausen foi libertado do domínio nazista em 11 de abril de 1945 pelo exército norte-americano. Após o término da guerra, ele foi para um orfanato na França, país em que aprendeu um novo idioma e estudou engenharia química. A propósito, foi na França que Joseph reencontrou sua irmã Fela. Em 1955, aos 26 anos, embarcou para o Brasil, com apenas 200 dólares e sem saber falar português. Nichthausen, bem como muitos sobreviventes do Holocausto, optou por encontrar uma nova pátria para si, pois, segundo o autor, “[n]inguém queria voltar para

a terra de sua origem. Não havia para o quê, e para quem. Era melhor tentar reconstruir a vida em terras novas com outra gente” (135). Assim, na noite de 21 de setembro de 1955, Nichthausen desembarcou no cais da Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Logo que chegou ao país, mudou-se para São Paulo, onde conseguiu um emprego numa fábrica de plásticos, regularizou sua situação e aprendeu o idioma.

Na década de 1980, mudou-se para Belo Horizonte para trabalhar como comerciante, onde fixou residência. Nichthausen casou-se com a mineira Marta e viveu em Belo Horizonte até a sua morte, em 24 de setembro de 2010, no início de um Shabbat, o sábado judaico. Nichthausen, após ser forçado a sair de sua casa na Polônia, passar pelos campos de concentração e perder quase toda a sua família, não desejou retornar às suas origens, antes, preferiu mudar de país, de cidadania e de idioma, tanto que o seu relato não foi escrito em polonês ou ídiche, mas em português, idioma de que preferiu fazer uso para escrever a sua narrativa. A propósito, no seu segundo livro, *A morte de um carrasco* (2003), Joseph dedica o último capítulo, *Brasil – Tal como o amo*, para narrar sua chegada ao país e declarar, por repetidas vezes, o amor que sente por ele: “[t]entei agradecer a Deus por eu ter escolhido o Brasil como minha pátria” (193). Além de mudar de país e de idioma, alguns críticos afirmam que, nos últimos anos de sua vida, Nichthausen trocou inclusive de religião, convertendo-se ao catolicismo.

Percebe-se, então, através dessas escolhas, que, após ser liberto dos campos de concentração, Nichthausen desejou desvincular-se de coisas e lugares que outrora eram tão importantes e significativos para si. Foram muitas mudanças importantes, como a saída de seu país de origem, do seu lar, a mudança de idioma, bem como o abandono do judaísmo. Aliás, para Nichthausen, embora a sua religião fosse um dos principais motivos da opressão nazista, no decorrer de seu relato, ele enfatiza por diversas vezes a sua convicção religiosa. Inclusive no seu livro, que está dividido em três capítulos, o autor traz, no início de cada seção, uma passagem bíblica, como Eclesiastes e Salmos, como forma de reafirmar a sua fé judaica, a qual tentou ser apagada pelo regime nazista. Considerando esses

acontecimentos, a opção de Nichthauser por distanciar-se de suas origens e, mais do que isso, romper com muitos dos vínculos com o seu passado, como o país, o idioma e a religião, foram estratégias (inconscientes, por vezes) para o sobrevivente fugir da dor do seu passado e não reviver os traumas gerados pelo Holocausto.

A rigor, por muitos anos, Joseph optou pelo silêncio. Ele foi libertado do horror nazista em 1945, quando estava no campo de Buchenwald. Seu livro, *Quero viver... memórias de um ex-morto*, foi publicado no ano de 1976. Assim, nota-se uma diferença de aproximadamente 30 anos entre os eventos ocorridos e o desenrolar da narrativa. Foram aproximadamente 30 anos de silêncio. Esta demora em narrar os fatos remete ao que Walter Benjamin relata no texto “Experiência e pobreza”, isto é, que os soldados voltavam da guerra pobres em experiências comunicáveis. Ou seja, quem passou por uma experiência tão violenta e traumática não tem a capacidade de imediato de narrar os acontecimentos vividos, justamente talvez porque o testemunho nunca é totalizante. Em geral, os sobreviventes de barbáries como o Holocausto levam anos até que consigam verbalizar tais acontecimentos, pois o silêncio é o primeiro obstáculo que precisa ser enfrentado para a superação da dor. Roney Cytrynowicz, a propósito, aponta que, para muitos sobreviventes, o silêncio se dá devido à “impossibilidade de entender e comunicar” (124) a própria experiência. Já Michael Pollak, no texto *Memória, esquecimento, silêncio*, menciona outros aspectos que envolvem o silêncio dos sobreviventes de eventos traumáticos.

Em se tratando especificamente do Holocausto, Pollak cita o exemplo dos sobreviventes que, após serem libertos, voltaram à Alemanha ou à Áustria e preferiram o silêncio sobre o passado como forma de melhor conviver com aqueles que assistiram à sua deportação e para não despertar sentimento de culpa neles, o que se constituiria numa proteção à minoria judaica, evitando, assim, qualquer tipo de conflito. Contudo, essa atitude é reforçada pelo sentimento de culpa que as próprias vítimas judaicas podem possuir dentro de si, pois, no começo da execução dos planos de Hitler, a administração nazista impôs à comunidade judia uma parte bastante significativa da gestão administrativa de sua política antissemita.

Na ocasião, muitos representantes da comunidade judia negociaram com as autoridades nazistas, especialmente na expectativa de alterar a política oficial, e, assim, executaram importantes serviços dentro do plano do governo alemão tais como a elaboração das listas dos futuros deportados até a gestão de trânsito e a organização do abastecimento nos comboios (Pollak 5-6). Porém, os judeus não conseguiram influenciar no plano nazista e muitos acabaram cedendo às ordens de execução desse plano. Sobre esses episódios, Nichthausen faz alguns apontamentos no decorrer de seu relato. Um deles refere-se ao período em que passou no campo de Sakrau, sobre o qual relata:

[a]lguns dos prisioneiros paravam, apoiando-se sobre as pás ou picaretas. Não por muito tempo. Os olhos vigilantes dos chefes de grupos só esperavam que alguém parasse para poder berrar alto, ameaçando a todos e distribuindo os pontapés à esquerda e a direita. Eram nojentos. Judeus como nós, prisioneiros também, colaborando com os alemães daquela maneira. (Nichthausen 136)

Como denuncia esse fragmento, os próprios judeus colaboraram para manter a ordem de trabalhos forçados e castigos, tanto nos guetos quanto nos campos de concentração. Além do mais, essa colaboração se deu de forma voluntária, talvez na tentativa de autoproteção, como fazem menção as palavras de David lembradas por Nichthausen, sobre os judeus que eram chefes do grupo: “[e]les querem apenas salvar a pele, agindo dessa maneira. [...] Um dia terão de prestar contas daquilo que estão fazendo agora conosco, pois ninguém os obriga a nos surrar. Para eles é a única maneira de sobreviver” (136). Face a esses episódios, o sentimento de culpa e a opção pelo silêncio são vias de mão dupla, pois tanto os sobreviventes quanto os que temem culpar as vítimas, ao abordarem tais acontecimentos, optam por guardar silêncio.

Além disso, existem outras razões para o silêncio dos que foram vítimas do Holocausto. Uma delas é que, para relatar essa experiência traumática, a testemunha precisa de alguém que esteja disposto a

escutá-la, que disponha de tempo para ouvir a reconstrução de tais memórias. No entanto, encontrado alguém disposto a fazer o papel do ouvinte, não se pode negligenciar que ainda há o medo da vítima de não ser compreendida ou de gerar mal-entendidos. Soma-se a isso a questão de muitas vítimas quererem poupar os filhos de crescerem com as lembranças das feridas e dores de seus pais (Pollak 6).

Exposto isso, surge uma importante questão: por que, após vários anos de silêncio, as vítimas do Holocausto decidem narrar suas memórias? Aqui, pode-se considerar as proposições feitas por Michael Pollak e Roney Cytrynowicz. Para o primeiro, passadas algumas décadas da catástrofe do Holocausto, convergem motivos políticos e familiares que contribuem para romper o silêncio do sobrevivente: “no momento em que as testemunhas oculares sabem que elas vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento” (Pollak 7). Além disso, segundo o autor, os filhos dos sobreviventes também têm o desejo de conhecer a história de seus pais, o seu testemunho e, a partir disso, surge a atual proliferação de relatos de testemunhos e também de publicações de jovens intelectuais judeus que têm suas origens como principal objeto de pesquisa.

Por sua vez, Cytrynowicz afirma que os “sobreviventes do Holocausto [...] sentem uma espécie de solidão insuperável, como se a memória constituísse um peso terrível do qual jamais se livrará, mas que é, ao mesmo tempo, o único registro seguro e confiável” (125). Além do mais, para o autor, independentemente do número de obras publicadas, a história não ampara ou consola os sobreviventes, pois o seu compromisso “pode romper a segurança afetiva da memória enquanto parte da identidade de uma pessoa ou de um grupo” (Cytrynowicz 125). Tais ponderações sobre o rompimento do silêncio após eventos traumáticos motivaram Nichthauser a elaborar a sua narrativa. Primeiramente, como o autor relatou no prólogo de *Quero viver...*, ele sentiu a necessidade de registrar suas memórias e “esclarecer aos leitores sobre a realidade daqueles anos terríveis que foram os de 1939 a 1945” (Nichthauser 13). Na dedicatória do livro, está claro também o incentivo por parte de sua família para que

o autor relatasse suas memórias: “[à] minha querida esposa, que tanto me incentivou a escrever este livro, aos meus dois tesouros Dominique e Brigitte” (Nichthaus 9).

Soma-se a isso, ainda, o desejo de Nichthaus (12) de homenagear todos aqueles que passaram pelo horror do Holocausto, tanto as vítimas que morreram quanto os sobreviventes que suportaram o duro regime nazista, e também aqueles que morreram após serem libertos. Nesse sentido, o testemunho do sobrevivente dá voz aos que foram silenciados, aos que não tiveram a oportunidades de registrar suas memórias, como forma de denúncia aos atos bárbaros que tentaram ser ocultados da sociedade. Como quer que seja, essas narrativas apresentam particularidades que permitem enquadrá-las no âmbito dos relatos de testemunho.

Regina Igel, a propósito, aponta algumas características desses relatos, as quais podem ser percebidas na obra de Nichthaus, como os artifícios literários utilizados, as lacunas na memória, a fidelidade às ocorrências, denúncias e perspectivas. Quanto aos artifícios literários usados pela testemunha, nota-se que, em grande parte dos casos, esta não possui uma linguagem elaborada como se espera de um texto literário. Segundo Igel, quando o sobrevivente decide narrar suas experiências, ele enfrenta “não só as dificuldades inerentes ao ato de narrar, como também a ausência de recursos lexicais – em todas as línguas – no nível infra-humano do Holocausto e de um apoio metafórico para as cenas testemunhadas” (228). Por isso, depois de um lapso de tempo entre as lembranças dos acontecimentos sob o domínio nazista e a inibição de relatar seu testemunho, a maioria dos narradores faz uso de tropos comparativos simples, recorrendo ao reino animal para suas comparações.

Essa característica pode ser observada na narrativa de Nichthaus que, por repetidas vezes, faz uso desse artifício literário. O autor utiliza esse recurso ao descrever e fazer referência aos seus opressores, como nos fragmentos: “tinha um aspecto de lobo com vontade de comer carneiros” (151), “[r]ealmente, não sei como julgar estes cachorros” (136), e “[s]e eu tivesse veneno, pensei, você estaria morto em poucos instantes, seu porco nojento. [...] Vou trabalhar na cabana daqueles suínos” (137). Esse tipo de

comparativo serviu para o próprio Nichthauser, como quando descreveu a forma como ele, seus companheiros e os próprios soldados alemães fugiam do bombardeio americano sobre a fábrica em que trabalhavam enquanto estavam no campo de Auschwitz: “[d]e fato, todos corriam como lebres. Nunca pensei que pudesse correr tão rápido e por tanto tempo” (220). Até mesmo quando faz menção aos judeus mortos no campo de Sakrau, o autor recorre à comparação com animais: “[e]ram enterrados como cachorros, sem nenhuma cerimônia” (Nichthauser 140). Como a maioria dos memorialistas, Nichthauser não intencionava criar uma obra artística, conforme exposto no prólogo de seu livro, mas registrar suas memórias e transmitir “um legado isento de adornos, em estado de comunicação pura, simples e direta” (Igel 229).

Outro aspecto proeminente em *Quero viver...memórias de um ex-morto* são as lacunas da memória, ou os grandes saltos temporais existentes durante a narrativa. Nichthauser empenha-se em estabelecer uma ordem cronológica, fazer uma narrativa linear de suas memórias, visto que o autor começa narrando desde a invasão de seu país, a vida no gueto e os oito campos de concentração pelos quais passou, na tentativa de estabelecer uma organização coerente e racional dos fatos. Todavia, não se pode esquecer que se trata de um tempo desenterrado da memória, e esta, por sua vez, segundo Pollak, é seletiva, isto é, “[n]em tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (203). Além do mais, os prisioneiros dos campos de concentração tiveram todos os seus bens confiscados, incluindo seus relógios, como recorda Nichthauser, “[n]ão possuí[am] mais nada de pessoal” (152), apenas as lembranças. Assim, a marcação do tempo durante o período de aprisionamento se fazia pelos meios naturais, observando o dia e a noite, as estações do ano e, também, por meio de outros recursos, como o acompanhamento mental das datas religiosas, a atenção às conversas, aos rumores ou aos boatos sobre os acontecimentos da época e a obediência à obsessão horológica dos algozes dos campos (Igel 228).

Entretanto, percebe-se, no relato de Nichthauser, que a árdua rotina dos campos de concentração e o esgotamento físico dos prisioneiros

distorciam ainda mais a noção de tempo. Conforme descreve o autor, ao observar os demais prisioneiros do campo de Bismarkhute que chegavam extenuados do trabalho, “[o]s dias pareciam não terminar” (Nichthausen 148). O esgotamento físico fazia com que o tempo parecesse mais longo. Agregando-se a isso, a iminência da morte e a falta de perspectiva de liberdade ou até mesmo de melhores condições faziam com que o tempo parecesse mais longo e perdesse sua definição. Na passagem a seguir, Nichthausen demonstra essa sensação em relação ao tempo:

[a]s horas não representavam nada. O tempo não estava sendo medido em horas, minutos ou segundos. O tempo não significava nada para todos. Tudo fora reduzido à simples eternidade. Comecei a compreender que um minuto representa a mesma coisa que uma hora ou cem horas. Esperar, esperar e sempre esperar as ordens. (164)

Relatar os fatos de uma circunstância em que o próprio tempo fora distorcido, acrescida a interferência da situação traumática na memória, torna-se uma tarefa bastante complexa. Embora uma das características apresentadas por Néstor Braunstein para os relatos de testemunho seja justamente a escrita desconexa, em que início, meio e fim não sejam distinguidos com facilidade, Nichthausen narra suas memórias em uma sequência cronológica, linear, como se procurasse organizar os fatos, buscando estabelecer uma ordem racional e coerente para os acontecimentos, característica da narrativa descrita por Luiz Costa Lima (17), que afirma que, com essa organização temporal, o que era irregular e diverso, encontra uma ordem que se constitui no ato da escrita. Contudo, essa organização cronológica da escrita de Nichthausen não impediu que transparecessem as lacunas de memória, através dos saltos temporais existentes em sua narrativa.

Essas lacunas de memórias são notadas, por exemplo, na descrição que Nichthausen (130-41) faz do período em que passou no campo de Sakrau, em que o autor dedica a maior parte da narrativa para descrever a sua chegada e os dois primeiros dias nesse campo. Nesse mesmo

trecho, o autor comenta que o tempo havia perdido o significado para todos os prisioneiros do campo de concentração e, em seguida, faz uma descrição muito breve sobre a vida naquele lugar e já parte para a descrição de sua saída de Sakrau para o campo de Bismarkhute. Enfim, o sobrevivente narra basicamente a sua chegada e a sua saída do campo de concentração. Assim sendo, muito do que se passou no período em que esteve em Sakrau não foi dito, permaneceu oculto nas memórias do autor.

Esse ocultamento não deve ser visto simplesmente como uma mera opção do escritor, mas como um sintoma do trauma. Como forma de autopreservação, o autor organizou sua narrativa, expondo aqueles episódios que não lhe causassem extrema dor. Embora vários anos tenham se passado, convém lembrar que o trauma apenas pode ser amenizado. Como esclarece Seligmann-Silva, o trauma é caracterizado “por ser uma memória de um passado que não passa” (89). Nesse sentido, conforme esclarece o mesmo estudioso, o objetivo do relato de testemunho não é narrar tudo o que aconteceu, já que isso seria impossível. Essa necessidade de narrar repousa num “desejo de renascer” (Seligmann-Silva 66). Por isso mesmo, adverte ele, esse testemunho nunca é total, “só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade” (Seligmann-Silva 67), ou seja, é parcial e limitado.

Também, nesse particular, tão importante quanto o estudo do conteúdo das memórias, é a opção da vítima pelo silêncio. Os não-ditos têm motivos bastante complexos de serem analisados. Muitas vezes, lembranças traumatizantes ou traumatizadas esperam anos pelo momento propício para serem expressas. Logo, o silêncio encobre um imperativo ético de forma que se deve respeitar a vontade de silêncio do outro. De qualquer forma, segundo Michael Pollak, existem duas razões principais para esse silêncio: uma de ordem política e outra de ordem pessoal. No primeiro caso, conforme o autor, “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (Pollak 5). Em âmbito pessoal, o crítico explica que, em face das lembranças traumatizantes, “o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as

vítimas” (Pollak 6). Em determinadas situações, essas vítimas não encontram espaço na sociedade para seu testemunho e, por não encontrarem possibilidade de amenizar a sua dor ou de transformá-la em fala, acabam preferindo o silêncio.

Entre as narrativas do Holocausto, existem memórias comuns, muitas vezes vivenciadas em episódios distintos, relembradas por diversos sobreviventes. Uma recordação frequente nesse tipo de narrativa, e que surge como forma de denúncia, é a indiferença com que a comunidade europeia não-judaica assistiu aos atos bárbaros praticados contra os judeus, e também contra outros grupos, nos países nos quais o governo nazista imperava. Em *Quero viver... memórias de um ex-morto*, o autor traz essa denúncia por meio da descrição de alguns acontecimentos, dentre os quais, de quando ele, juntamente com os demais prisioneiros, foi transportado para o campo de Sosnowice. Ao lembrar a chegada à movimentada estação de trem, Nichthauser descreve: “[u]ma vez fora do vagão, fomos imediatamente isolados dos transeuntes que passavam *sem nos ver* e colocados numa fila” (106) [grifo meu]. Isto é, embora muitos estivessem presenciando os sofrimentos impostos aos judeus, a impressão que se tinha dos demais cidadãos era de que eles eram indiferentes àquela situação e, conseqüentemente, omitiam ajuda ou qualquer manifestação contrária às permitidas pelos nazistas. E há também, como já mencionado, a própria denúncia contra os judeus que se aliaram ao governo de Hitler e se fizeram inimigos de seu próprio povo, por mais que essa fosse talvez uma tentativa de salvar a própria vida.

Nichthauser faz sua narrativa sob a perspectiva de um menino de onze anos, que repentinamente viu a guerra invadir seu país e, por vezes, parecia não ter consciência de todos os fatos que se passavam ao seu redor. O autor relembra a forma de dar vazão à sua indignação e à incompreensão diante dos acontecimentos: “[d]e repente não pude mais: comeci a chorar convulsivamente, como uma verdadeira criança que era. Perdi completamente a noção do que estava acontecendo” (Nichthauser 23). Já no final de seu livro, após a experiência de quase seis anos sob o domínio nazista, o sobrevivente expõe como seus sentimentos foram mu-

dando. Ao saber da morte de seu irmão David, companheiro dos campos de concentração e suporte para enfrentar as diversas dificuldades, Nichthausser declara: “[n]ão conseguia chorar. Sentia a necessidade do choro para não ficar louco. Mas as lágrimas não vinhas e não vieram. Vieram sim, mas muitos anos depois!...” (228). O menino que chorava compulsivamente no começo do relato já não conseguia mais expressar sua dor no final da experiência nazista. Como se percebe no decorrer da narrativa, as emoções foram sendo reprimidas e, por fim, tornaram-se petrificadas pela situação extrema vivenciada.

Ao relatar suas memórias, Nichthausser parece constantemente querer destacar os aspectos “positivos” de sua experiência, com uma perspectiva bastante otimista de algumas situações. Ao fazer uma breve descrição dos campos de concentração pelos quais passou, por exemplo, o autor destaca o campo de Sucha como um “[ó]timo ambiente cultural” (Nichthausser 103), esquecendo-se de que eram prisioneiros, obrigados a realizar extenuantes trabalhos forçados e com alimentação insuficiente. Já ao chegar como prisioneiro no campo de Reigersfeld, ele expõe sua impressão sobre o lugar, destacando que “[o] aspecto era bastante agradável” (Nichthausser 151), porém, logo em seguida, descreve a rígida disciplina do campo e a alimentação mais precária que recebera até o momento. Em Auschwitz, o mais temido e desumano de todos os campos de concentração, Nichthausser, por repetida vezes, enfatiza os aspectos positivos, como o banho que tomaram, ainda sentido as dores depois de terem sido tatuados, com “[á]gua quente, sabonete e até toalhas listradas. Tudo foi agradável” (174), ou como sua perspectiva após se acomodar com seu irmão David no alojamento:

[e]stávamos cansados e com fome, mas felizes por chegar a termo nossa viagem através de Auschwitz. Era justamente isto que estávamos pensando, que ali iria acabar nossa jornada pelos campos de concentração. Pior do que Auschwitz, não poderia existir. Mas estávamos cansadíssimos e fracos de fome. Até a cabeça girava um pouco. Contudo, tivemos força para sorrir. (174)

Como mostra o fragmento acima, embora a situação de Joseph em Auschwitz fosse extremamente precária, ele mantinha uma perspectiva bastante otimista em relação ao futuro e, mesmo em tal situação, pôde até afirmar que se sentia feliz. Buscar e ressaltar os aspectos positivos de uma situação extrema de dor e violência em sua narrativa podem ser estratégias, talvez inconscientes, de o autor lidar de modo mais confortável e, por que não dizer, menos dolorido, com as memórias daqueles anos terríveis.

Seja como for, em *Quero viver...memórias de um ex-morto*, a narração desempenha uma função hermenêutica, isto é, ao contar a sua história, Joseph está tentando interpretar e entender sua experiência de vida, sua subjetividade e sua relação com o mundo. A narração, por isso mesmo, funciona ela própria como instrumento de busca para o conjunto de experiências vividas, de forma que o ato de narrar está ligado à necessidade de revelar algo. Os detalhes da experiência passada real vivida pela testemunha, ao serem colecionados e articulados, sendo respeitada a linearidade temporal e a lógica causal, passam a ter sentido e culminam na produção de conhecimento para a vítima.

Essa função de produção de conhecimento que é possível atribuir ao ato de narrar abre a possibilidade de superação de certas limitações. Com isso, essa possibilidade de interpretar é também uma tentativa de libertar-se das lembranças obscuras e negativas do passado. Conforme já referido, essa premissa de que a narração teria efeitos positivos encontra-se num trabalho de Walter Benjamin intitulado *Conto e cura*. Nesse pequeno texto, o autor fala a respeito da mãe de uma criança doente que senta na cama e começa a lhe contar histórias. A narração teria, assim, poder de cura. Conforme Benjamin,

já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável para muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças

curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração. (255-56)

Com isso, portanto, Joseph Nichthausser recorre à narração como forma de aliviar ou ressignificar a dor oriunda de seu trauma. Assim, em *Quero viver... memórias de um ex-morto*, há o relato de um sobrevivente do Holocausto cujo objetivo não é simplesmente narrar o que aconteceu, mas fazer com que elementos da experiência da vítima que, a princípio, são estranhos, misteriosos e ameaçadores, passem a ser compreendidos de forma sistemática. O que importa, antes de mais nada, é a possibilidade de verbalizar (representar) o estranho e o maligno e reconhecê-lo dentro de um processo em que conflitos acontecem, mas a ordem pode ser recuperada e ressignificada.

A exemplo da obra de Nichthausser, literatura de testemunho, de modo geral, expõe uma época de eventos violentos – histórica – aliada a elementos literários, a fim de que as barbáries presenciadas se tornem verossímeis ao leitor. E, através da rememoração, dá-se também a tentativa de evitar que tais catástrofes voltem a ocorrer novamente, pois a literatura de testemunho mantém o compromisso ético do não esquecimento, quando a memória sobre os fatos históricos ameaça dissipar-se na cultura da modernidade contemporânea.

Obras Citadas

Adorno, Theodor. *Dialéctica negativa*. Madrid: Taurus. 1984.

Adorno, Theodor. *Minima moralia*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática. 1993.

Benjamin, Walter. “Conto e cura”. In: Benjamin, Walter. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 255-256. 1995.

Benjamin, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. 197-221. 1994.

Braunstein, Néstor A. *Sobrevivendo ao trauma*. Trad. Marylink Kupferberg. Disponível em <<http://nestorbraunstein.com/escritos/index>>. Acesso em: 21. out. 2010. s. d.

Cytrynowicz, Roney. “O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto”. In: Seligmann-Silva, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp. 125-140. 2003.

Hartman, Geoffrey. “Holocausto, testemunho, arte e trauma”. In: Nesterovski, Arthur; Seligmann-Silva, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta. 207- 235. 2000.

Igel, Regina. *Imigrantes judeus/ Escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva; Associação Universitária de Cultura Judaica; Banco Safra. 1997.

Lima, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco. 1989.

Nichthausen, Joseph. *A morte de um carrasco*. Belo Horizonte: Saitec. 2003.

Nichthausen, Joseph. *Quero viver... memórias de um ex-morto*. São Paulo: Ricla. 1976.

Pollak, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. 200-215. 1992.

Pollak, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3. 3-13. 1989.

Seligmann-Silva, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp. 2003.

Seligmann-Silva, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34. 2005.

Seligmann-Silva, Márcio. "Escrituras da Shoá no Brasil". *Noaj=Noah: Revista Literária/ Asociación Internacional de Escritores Judios em Lengua Hispana y Portuguesa*, São Paulo, Associação Editorial Humanitas, n. 16/17. 137-156. 2007.

Seligmann-Silva, Márcio. "Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas". *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1. 65-82. 2008.